



Mauad X

Copyright © by Maria Cristina Franco Ferraz, Lucas Murari et al., 2023

Direitos desta edição reservados à
MAUAD Editora Ltda.
Rua Joaquim Silva, 98, 5º andar
Lapa — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20241-110
Tel.: (21) 3479.7422
www.mauad.com.br

FACEBOOK.COM/EDITORAMAUADX

@EDITORAMAUADX

@MAUADXEDITORA

(21) 97675-1026

Projeto Gráfico:

Núcleo de Arte/Mauad Editora

Revisão:

Luiz Henrique Moreira Soares

Foto da Capa:

Beto Felício

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior – Capes – Edital PROEX

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F973

Fulgurações interartes : derivas e contágios / organização Maria Cristina Franco Ferraz, Lucas Murari. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Mauad X, 2023.

192 p. : il. ; 23 cm. (Conversações ; 2)

Inclui bibliografia e índice

ISBN 9786553770614

1. Comunicação - Aspectos sociais. 2. Comunicação e cultura. 3. Comunicação - Discursos, ensaios e conferências. I. Ferraz, Maria Cristina Franco. II. Murari, Lucas. III. Série.

22-81360

CDD: 302.2

CDU: 316.77

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Sumário

Apresentação – <i>Maria Cristina Franco Ferraz</i>	9
Fulgurações Interartes: atravessamentos conceituais	11
Capítulo 1 – <i>Suely Rolnik</i>	13
Notas para descolonizar o inconsciente. Um encontro entre as aranhas, os Guarani e alguns europeus	
Capítulo 2 – <i>Suely Rolnik</i>	41
Dez recomendações para ocupar a fábrica de mundos e libertá-lo de seu comando pelo regime de inconsciente colonial-racial-patriarcal-capitalístico	
Fulgurações Interartes: derivas e contágios	45
Capítulo 3 – <i>Alexandre Mendonça</i>	47
Antropofagia e extemporaneidade	
Capítulo 4 – <i>Maria Cristina Franco Ferraz</i>	57
Antropofagia e Tradução	
Capítulo 5 – <i>Ieda Tucherman</i>	67
Falando de Insignificâncias	
Capítulo 6 – <i>Ericson Dōkan Saint Clair</i>	77
<i>Geidō</i> – políticas do corpo nas artes zen: estratégias de descolonização	
Capítulo 7 – <i>Denilson Lopes</i>	87
Modernos, <i>queer</i> , apolíticos, cosmopolitas e rurais	
Capítulo 8 – <i>Mauricio Lissovsky</i>	97
Monteiro Lobato e Mário de Andrade: Escritores-fotógrafos	
Capítulo 9 – <i>Isabel Ponce de Leão</i>	109
Manoel de Oliveira e Agustina Bessa-Luís: os diálogos (im)possíveis	
Capítulo 10 – <i>Frederico Benevides e Livia Flores</i>	121
Cinema sem filme e outras histórias	
Capítulo 11 – <i>Beatriz Furtado</i>	137
<i>Loop</i> , laços no tempo em projeções de obras fílmicas	
Capítulo 12 – <i>André Parente e Lucas Parente</i>	149
A imagem-feitiço em Solon Ribeiro	
Capítulo 13 – <i>Dionísio Vila Maior</i>	157 ←
Recodificações digitais e o desconfinamento das Humanidades	
Capítulo 14 – <i>Hernán Ulm</i>	165
Formas de Ingresso: heurísticas trans nas artes e nas literaturas situadas	
Capítulo 15 – <i>Ana Godinho</i>	175
Semear contágios. Assuntos que dizem respeito à parte indestrutível da Terra	
Sobre os autores	185

Recodificações digitais e o desconfinamento das Humanidades

Dionísio Vila Maior

1. Em outubro de 1924, no texto de apresentação da revista *Athena*, Fernando Pessoa escreve que a cultura não é senão “o aperfeiçoamento subjetivo da vida” e que esse aperfeiçoamento é “direto ou indireto” — chamando-se ao primeiro “arte” e “ciência” ao segundo; depois, lembrava que “pela arte nos aperfeiçoamos a nós” e que “pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo” (PESSOA, 1986b, p. 1209).

Por que motivo lembro aqui Fernando Pessoa? Evoco-o, porque as suas palavras reenviam-me, em primeiro lugar, para as propostas que nos sugeriu Italo Calvino e, em segundo lugar, para o atualmente tão dinâmico e multiforme universo digital.

Como se sabe, Calvino escreveu o livro *Seis propostas para o próximo milênio* (s/d). Trata-se de um conjunto de conferências que iria proferir em Harvard, em 1985, tendo, contudo, falecido antes de as proferir (não chegando mesmo a escrever a sexta conferência). São cinco lições do autor de *As Cidades Invisíveis*, centradas em cinco propostas para o presente milênio: “leveza”, “rapidez”, “exatidão”, “visibilidade” e “multiplicidade”.

Nessas suas sugestões, encontramos a absoluta necessidade de nos reencontrarmos com a “leveza” do pensamento e do agir (sem cair naturalmente na levandade); deixa entender a urgência de optarmos cada vez mais pela concisão, pelo que assim se retiraria o peso das coisas e das estruturas. E como não lembrar aqui o nascimento de Pégaso, o cavalo alado que nasce do sangue de Medusa? Como não aprender, e apreender, com este mito a lição segundo a qual o peso da pedra se pode reverter no seu contrário?

Para além dessa “leveza”, Calvino recomenda-nos a optar pela “rapidez”, ou seja, pela agilidade de raciocínio, pela economia de expressão. Trata-se do

preceito que nos aconselha a evitar o detalhe inútil. Mas trata-se igualmente de não esquecermos aquele *festina lente* defendido por Almada Negreiros, quando dizia que, para que as cores deixem de ser tintas, “é necessário que se [...] [forme] primeiro o pintor” (NEGREIROS, 1993, p. 101). Ensina, desse modo, o polifônico Almada que é preciso, primeiro, trabalhar muito, para que, depois, consigamos ser concisos, rápidos, eficazes — sem que, com isso, desviemos a atenção (que deve estar onipresente) ao brio com que realizamos algo, à precisão, ao acabamento da obra, do artefato, da frase, do pensamento. É essa a “exatidão” de que nos fala Calvino.

Entretanto, esta problemática, em função do que ela permite evocar, abre a possibilidade de a relacionarmos com um outro ensinamento: a “visibilidade”, essa capacidade imaginativa de olhar de olhos fechados, esse instrumento do saber que não só constitui o ponto de partida para o potencial (permitindo a construção de múltiplas combinações), mas também nos ensina a desconfiar das imposições gerais e definitivas de qualquer discurso monológico e a encontrar na conciliação polifônica dos discursos aquela mais-valia subjacente à “multiplicidade” calviniana.

2. O relevo de que se revestem estas reflexões entronca em duas outras problemáticas, interdependentes: por um lado, naquilo que denomino de *funcionamento tiktokiano da informação* (no seu mais amplo sentido) que circula pela internet — circunstância que nos obriga diariamente ao apuramento da inteligência tecnológica; por outro, no ensino das Humanidades, das Artes e da Literatura.

Num universo digital e cibercultural marcado por céleres modificações paradigmáticas no que à abordagem da arte e da literatura diz respeito, ganham terreno novos suportes comunicacionais, novos materiais, novas linguagens — sendo o sinal cultural rubricado por profundas renovações epistemológicas. Trata-se de um sinal cultural em transformação ininterrupta, em que o poder simbólico-computacional é uma mais-valia, onde ganham terreno as tecnologias digitais, onde as novas tecnologias da informação e comunicação obrigam a uma reformulação do perfil tradicional do objeto artístico e literário (no que à sua conceção, leitura e difusão diz respeito). Mas trata-se, de igual modo, de um sinal cultural que obriga o professor de Humanidades, de Artes, de Literatura, a metamorfosear-se incessantemente, tantos e diversos são os polifônicos ambientes virtuais de produção, de ensino e de aprendizagem, que vão compelindo ao desenvolvimento de competências de *multimodal learning*.

Bettyjo Bouchey, Jill Castek e John Thygeson (2021), refletindo sobre as tendências e as (novas) pedagogias emergentes na “aprendizagem multimodal”, lembram, a este propósito, o atual uso generalizado das ferramentas

tecnológicas no ambiente online de ensino-aprendizagem, sublinhando que a informação é cada vez mais partilhada em múltiplos formatos, pelo que o processo de ensino-aprendizagem (online, e não só online) vai assumindo uma direção que se caracteriza essencialmente pelo multimodalismo. E cada vez mais, o *professor de Humanidades, de Artes, de Literatura* tende a comportar-se como um *maestro*. É certo que esse professor tem de dominar competências científicas e pedagógicas (ALVAREZ; GUASCH; ESPASA, 2009); mas também deve conhecer as modalidades das licenças *creative commons*; deve conhecer o *Direito de Autor e Direitos Conexos*, os *Direitos Internacionais para a Proteção dos Artistas, Intérpretes ou Executantes*, a *Convenção de Berna para a Proteção de Obras Literárias e Artísticas* e o *Tratado da Organização Mundial de Propriedade Intelectual*. Deve conhecer (e dominar) competências tecnológicas, ou seja, deve conhecer (e dominar): programas básicos (Word, Excel, Access, Adobe, PowerPoint, Windows Media Player, PaintNet, VDownloader, conversores diversos); plataformas de pesquisa (B-on, Scielo, Academia Edu, Bibliotecas e repositórios digitais, etc.); plataformas e aplicações de participação social (Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter, Telegram, WhatsApp, Messenger, Viber, etc.); ferramentas de comunicação e cooperação síncrona (Zoom, Jitsi Meet, Skype, Google Duo, Google Hangout, YouTube, Oovoo, etc.); aplicativos de autopublicação (Jimdo, WordPress, Blogger, Slidshare, etc.); programas de edição e reprodução multimédia (Movavi, Audacity, Finale, Encore, Sibelius, etc.); programas para envio de ficheiros grandes (Wetransfer, Filemail, Volafile, Send Anywhere, etc.); programas de arquivo e partilha de arquivos (Box Net, Dropbox, Google Drive, Mega, Cubby, OneDrive, SugarSync, SlideShare, Ubuntu One, ZipCloud, etc.).

3. No domínio de todas estas competências, caberá ao *professor de Humanidades, de Artes, de Literatura*, o dever de orientar os alunos para que estes percebam o nível de proficiência e a “credenciação” da informação digital, apreciem (criticamente) a dimensão formativa e o sentido [edificante] dessa informação digital e consigam perceber (de forma inteligente) quais o(s) sentido(s) edificante(s) de todo o sinal interdisciplinar.

Ora, é justamente por força do cada vez mais ativo crédito concedido a este universo digital e cibercultural contemporâneo que se torna legítimo refletir sobre o ensino das Artes e da Literatura. Pergunto: o recurso crescente às tecnologias digitais e o cruzamento polifônico, pluridiscursivo e hipertextual da informação comprometerá a compreensão do objeto artístico-literário? O que pode ensinar o professor de Humanidades, de Artes, de Literatura? Como ensinar a *ler* a Arte? Como ensinar a *ler* o texto literário? Farão sentido as palavras de George Steiner (1993, p. 150), ao dizer que, quando fazemos “entrar

a poesia, a música, a arte no nosso ser [...] [,] vemos a presença nua [...] da própria liberdade”? Farão sentido as palavras do mesmo George Steiner (*ibidem*), quando doutrina que “a relação de uma leitura plena [...] é um ato metafísico e, em última análise, um ato teológico”?

O cenário civilizacional contemporâneo assenta muito na cultura do imediato, tantas vezes em detrimento da dimensão verdadeiramente humana e humanista, tantas vezes com uma consequente dissolução da memória cultural e literária. E também por isso se torna imprescindível proporcionar e promover leituras (de objetos literários e artísticos) que possam contribuir para a preservação, esclarecimento, divulgação e estruturação ativa dessa memória, levando-nos a, sobretudo, saber... agir.

Ora, neste cenário cultural contemporâneo (vivido sob o signo intimidante do tempo), partilho igualmente a ideia de que se deve trabalhar cada vez mais a confiança nas Humanidades, nas Artes e na Literatura. Relembro as propostas de Calvino para este milênio, que se desenvolvem com base nas ideias de *fim* (de milênio) e de *início* (de milênio). Essas propostas concentram o seu pensamento, que assenta vertebralmente na confiança que é necessário depositar nas Humanidades, nas Artes, na Literatura. Essa confiança traduz-se, acima de tudo, naquilo que com ela podemos aprender sobre a possibilidade de “elevação” “sobre o peso do mundo”.

4. Evoco uma das recomendações (entre dez) apresentadas (em 2004) pela Association of American Universities: “University presidents, provosts, and humanities deans should support the development and use of digital information and technology in the humanities” (MATHAE; BIRZER, 2004, p. IV).

Por aqui se advogava, então, que as Universidades devem promover o uso da informação e da tecnologia digital nas Humanidades, passando a sugestão por promover alguns comportamentos: incluir no planeamento estratégico dos programas das Humanidades a informação e tecnologia digitais; promover a cooperação entre humanistas e engenheiros informáticos; assegurar que os docentes compreendam tudo o que envolve o uso do trabalho digital (como, por exemplo, as implicações das leis dos direitos de autor).

Mais tarde, em 2015, Poul Holm, Dominic Scott e Arne Jarrick, em *Humanities World Report 2015* (2015), questionaram-se sobre o valor das Humanidades. Na sua obra avançam, então, nove conclusões — obtidas na sequência de uma série longa e estruturada de entrevistas a 89 professores e pesquisadores de Ciências Humanas e Sociais de todo o mundo e de um conjunto de *workshops* com diversos académicos (sobretudo do Leste Asiático e América Latina): um “valor intrínseco” (valor esse especialmente defendido por Stanley Fish); um “valor social” (promovem um sentido apurado de coesão social; torna as pes-

soas mais tolerantes; são indispensáveis para tomadas de decisão na política, relações internacionais, economia, medicina, segurança pública, política ambiental); um “valor cultural” (ajudam a melhor compreender, e a preservar, o patrimônio cultural); um “valor econômico” (acarretam maior responsabilidade pela produção nas indústrias criativas, nos museus, no turismo); a *promoção da colaboração interdisciplinar* (o trabalho dos *designers* gráficos e de comunicação, dos técnicos das ciências de computação, dos técnicos musicais, dos neurocientistas, fica a ganhar com uma formação nos campos diversos das Humanidades); um “valor de inovação” (contribuem para a diversificação no âmbito da criação de conhecimento); o incremento inevitável do “pensamento crítico”; o “desenvolvimento pessoal e espiritual” (“humanities research can enhance one’s personal and spiritual wellbeing through the study of different texts and traditions – religious, philosophical or spiritual”); o apuramento da “apreciação estética” (que permite distinguir um bom de um mau produto cultural).

5. De acordo com estas conclusões (ainda que atinentes ao domínio de investigação científica das Humanidades, em geral), é possível, desde logo, reconhecer a pertinência de uma disciplina metodológica que procure ultrapassar a unilateralidade decorrente do ensino fechado de apenas uma área, sobretudo quando nos encontramos mergulhados no dinamismo heteróclito do ambiente virtual. E, neste contexto, não posso deixar de lembrar a importância do termo e conceito “virtual” e das chamadas *Humanidades Digitais*.

Recordo que o termo e conceito “virtual” abarca uma diversidade de procedimentos, práticas, produtos, que reenviam para uma abordagem das matérias de acordo com uma metodologia fortemente multidisciplinar (Ciências Humanas e Sociais, Ciência da Computação e Matemática, museus, bibliotecas, domínios especializados em computação ou tecnologias digitais, modelação 3D, atividades com recurso a realidade alternativa, espaços móveis para criadores, utilização de *software* de análise quantitativa em disciplinas de Humanidades, ou de *software* de tratamento de som e imagem, etc.).

Por outro lado, seria igualmente imprudente esquecer que as “*Humanidades Digitais*” se desenvolveram fortemente com os recursos do *smartphone* (DOYLE, 2018, p. 6), ou que as “Humanidades” devem ser consideradas (cada vez mais) para além das próprias disciplinas das Humanidades (*id.*: 12; cf. ainda EILEEN; MUSTO, 2015).

6. Como quer que seja, para lá do alcance para onde todas estas reflexões nos possam reenviar, o que nos parece importante para já é reencaminhar o raciocínio para as *funções fundamentais do professor de Humanidades, de Artes e de Literatura*.

Recordo, neste contexto, uma carta enviada por Umberto Eco a Carlo Maria Martini. Nessa carta, o autor d'*O Nome da Rosa*, referindo-se ao discurso dos finais dos tempos, especifica que "[...] cada um joga com o fantasma do Apocalipse ao mesmo tempo que o exorciza, e quanto mais o exorciza mais inconscientemente o teme [...]" (ECO; MARTINI, 1999, p. 17). Deixando de lado uma abordagem de índole psicologista, queremos crer que é justamente em função do sentido subentendido por estas palavras que poderemos compreender uma das funções do professor de Artes e de Literatura (e não só). Essa função remete-nos para a necessidade de este professor ser capaz de se distanciar objetivamente de todas as opiniões que prenunciam a crise das Humanidades. Essa posição traduzir-se-ia, em parte, não propriamente num modo de "exorcizar" o medo de que isso se concretize, antes numa resposta que constituísse o garante da confrontação e, sobretudo, discussão desse cenário. Talvez também por isso mesmo esse professor deva saber conduzir os seus alunos à necessidade de uma crescente consciencialização dos males da humanidade. E decerto que essa consciencialização crítica ajudaria os alunos a escolher com maior autonomia as opções que lhe são oferecidas pela vida.

Parece, portanto, ser imprescindível ao professor de Humanidades (e não só) ajudar os seus alunos a refletir sobre a precariedade existencial e sobre um certo decadentismo ético-moral do Homem. E quando essa orientação obedece primordialmente a intuítos pedagógicos, com facilidade se concluirá que esse professor poderia concretizar com alguma facilidade um dos objetivos primordiais do processo de ensino/aprendizagem: corrigir e aperfeiçoar o aluno. Daí que, para além da necessidade contínua de o professor de Humanidades (e não só) trabalhar no sentido de desenvolver e estimular a imaginação do aluno, para além de ter que obrigatoriamente se adaptar às mudanças culturais, históricas, sociais, tecnológicas, para além de lhe ser imprescindível procurar continuamente aprofundar o seu conhecimento pluridisciplinar, para além disso tudo, é seu dever atuar em benefício da autovalorização do próprio aluno (seja o aluno de que grau for), ajudando-o a encarar-se num sentido positivo.

Deste modo, em primeira e última instâncias, orientar o aluno a saber ler a obra artística ou o texto literário poderá significar, acima de tudo, contribuir para a formação e a consolidação da consciência desse aluno, para o desenvolvimento do sentimento de tolerância pelo outro, ou, ainda, para um consolidado autoaperfeiçoamento; não que por meio dessa busca se procure a perfeição absoluta, mas a perfeição relativa; não a verdade monológica, antes as verdades plurais, sempre ao encontro das oportunidades que as Artes e a Literatura nos oferecem, no sentido conferido por Borges (quando defendia que somos ricos "mais em perplexidades do que em certezas" e que as Artes e a Literatura nos devem ajudar a fornecer essas certezas).

São estas oportunidades que ajudam a perceber a figuração, a prefiguração, a (re)configuração do usufruidor (consciente) das Artes e da Literatura num contínuo acrescentamento de sentidos. Relembro o que, em *Presenças Reais*, diz George Steiner a propósito do texto poético; aí ensina que, quando o sentido profundo do poema “entra nos recintos, espaciais e temporais, mentais e físicos, do nosso ser, traz consigo um apelo radical de mudança”; e acrescenta:

O despertar, o enriquecimento, a complexidade, o obscurecimento, a alteração da sensibilidade e da compreensão que se seguem à nossa experiência são prenúncios de ação (STEINER, 1993, p. 132).

É nesse *acrescentamento* do sujeito enquanto leitor e usufruidor (consciente) do sentido artístico e literário, é nesse *acrescentamento* dos sentimentos do leitor e do usufruidor (consciente) da obra artística e literária, das suas disposições de alma, dos seus afetos, que residirá, em parte, o prazer da leitura da obra artística e literária.

7. Reavivo o que Fernando Pessoa escreveu em 1925; ensinando que a “arte suprema tem por fim libertar — erguer a alma acima de tudo quanto é estreito, acima dos instintos, das preocupações morais ou imorais”, sublinha ainda o seguinte:

Toda a arte deve dar prazer — o tipo de prazer é que varia. A arte inferior dá prazer porque distrai, liberdade porque liberta das preocupações da vida; a arte superior menor dá prazer porque alegra, liberdade porque liberta da imperfeição da vida; a arte superior dá prazer porque liberta, liberdade porque liberta da própria vida (PESSOA, 1986c, p. 26).

Esta *forma específica de liberdade* é necessária para todos nós, docentes, não docentes, sujeitos, indivíduos, seres humanos, usufruidores de manifestações artísticas cada vez mais globais e cada vez menos locais. Entretanto, nestes tempos digitais, ciberculturais, hiperculturais, hipertextuais, é de igual modo necessária a crença (cada vez maior) nas Humanidades, no ensino e no exercício: do *brio*; da *criatividade*; da “*apreciação estética*”; do “*pensamento crítico*”; da *colaboração interdisciplinar*; da *preservação do patrimônio cultural*; da *tolerância*; da *compreensão do outro*; da *coesão social*; das *tomadas de decisão* corretas na política, nas relações internacionais, na economia, na medicina, na segurança pública, na política ambiental; da *ação humana (e humanista)*.

Acreditamos que o professor de Humanidades (e não só) também assim conseguirá promover aquele “aperfeiçoamento subjetivo da vida” de que também falava Pessoa (PESSOA, 1986b, p. 1209), nunca deixando, contudo, de se questionar sobre o valor das Humanidades, das Artes e da Literatura, pois

só assim encontrará argumentos que o levarão continuamente a promover o verdadeiro sentido dos Estudos Humanísticos e a promover as (boas) Artes e a (boa) Literatura como caminhos superiores de Liberdade num mundo inevitavelmente mais tecnológico.

Referências bibliográficas:

- ALVAREZ, Ibis M.; GUASCH, Teresa; ESPASA, Anna. University teacher roles and competencies in online learning environments: A theoretical analysis of teaching and learning practices. *European Journal of Teacher Education*, n. 32, v. 3, p. 321-336, 2009.
- BOUCHEY, Bettyjo; CASTEK, Jill; THYGESON, John. Multimodal Learning. In: RYOO, Jungwoo; WINKELMANN, Kurt [Eds.]. *Innovative Learning Environments in STEM Higher Education*. Cham: Springer, 2021, p. 35-54 (electronic resource).
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milénio*. Lisboa: Editorial Teorema, s/d.
- DOYLE, Alaina Marie. *Teaching Digital Humanities: How Technology Can Empower Humanities Students and Educators*. Boone: Appalachian State University, 2018.
- ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *¿En qué creen los que nos creen? Un diálogo sobre la ética en el fin del milenio*. 4. ed. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1999.
- FARRELL, Orna; SEERY, Aidan. "I am not simply learning and regurgitating information, I am also learning about myself": learning portfolio practice and online distance students. *Distance Education*, v. 40, n. 1, Routledge, p.76-97.
- GARDINER, Eileen; MUSTO, Ronald. *The Digital Humanities: A Primer for Students and Scholars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- HOLM, Poul; SCOTT, Dominic; JARRICK, Arne. *Humanities World Report 2015*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- MATHAE, Katherine Bailey; BIRZER, Catherine Langrehr. *Reinvigorating the Humanities. Enhancing Research and Education on Campus and Beyond*. Washington, D.C.: Association of American Universities, 2004.
- NEGREIROS, José de Almada. *Obras Completas — Textos de Intervenção*. Vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- PESSOA, Fernando. *Obras de Fernando Pessoa. Introdução, organização, biobibliografia e notas de António Quadros*. Vol. I. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986a.
- PESSOA, Fernando. *Obras de Fernando Pessoa. Introdução, organização, biobibliografia e notas de António Quadros*. Vol. II. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986b.
- PESSOA, Fernando. *Obras de Fernando Pessoa. Introdução, organização, biobibliografia e notas de António Quadros*. Vol. III. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986c.
- STEINER, George. *Presenças Reais. As Artes do Sentido*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.